

**ATRAVÉS DO ESPELHO: o argumento do “conhecimento do criador” no contexto da ciência da informação**  
*THROUGH THE LOOKING-GLASS : the argument of the "knowledge of the creator" in the context of the information science*

Leonardo Vasconcelos Renault - [renault@ufmg.br](mailto:renault@ufmg.br)  
Mestre em Ciência da Informação - ECI – UFMG

**Resumo**

Ao reconhecer suas características sociais, a Ciência da Informação, se vê diante de uma nova questão: quem são os sujeitos edificadores do conhecimento da área no contexto brasileiro? A pergunta pelo sujeito construtor do conhecimento direcionada à Ciência da Informação, revela o contexto de produção do que tomamos hoje como emblemático ou paradigmático para a área, no contexto nacional. Além disso, o processo de construção desse conhecimento, as questões éticas e as vinculações de poder a que possam estar suscetíveis a Ciência da Informação, são discutidas no artigo. Por fim, a possibilidade de alternativas de construção de uma imagem que sustente o hibridismo entre ciência e tecnologia, ética e poder é apresentada como possível norteador das ações dos sujeitos “demiurgos” da área de Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação. Epistemologia. Epistemologia Construtivista.

## **1 O SUJEITO CONSTRUTOR DO CONHECIMENTO**

Na extensão das reflexões iniciadas em artigo anterior, onde posicionamos a Ciência da Informação diante de seus aspectos sociais e de sua “sedutora jovialidade” (RENAULT; MARTINS, 2007), procuramos olhar agora através do espelho à procura de nossa identidade enquanto sujeitos. Alguns paradoxos, evidentemente, surgem quando tentamos ver através ou com a ajuda do espelho, posto que, o discurso possa estar invertido, ou aquilo que temos como conceito ou idéia traduzida em linguagem não corresponda ao sentido percebido por outros sujeitos. Essa questão foi pontuada na obra de Lewis Carroll “Através do espelho e o que Alice encontrou lá”, quando o personagem Humpty Dumpty pergunta a Alice seu nome e estranha a falta de conexão entre o seu nome e o significado expresso em sua forma ou personalidade. Ou seja, o nome deve acompanhar um significado compatível com aquilo que o outro vê ou

percebe. Por outro lado, trazendo a questão para a Ciência da Informação, esses parâmetros não são fáceis de se definir, dependem dos sujeitos e de seus contextos.

Assim, a nossa pergunta se direciona aos sujeitos construtores do que seja a Ciência da Informação atualmente. Questão que se apresenta a quem de fato, construiu o significado ou a idéia de Ciência da Informação que temos, quando olhamos para o contexto brasileiro de sua formulação. Adentremos, então, a “toca do coelho”...

O argumento inaugural desse constructo foi a idéia, presente na obra de DOMINGUES (2004, p.34), acerca do conhecimento do criador, “... para o qual não há em verdade uma fórmula canônica, mas um conjunto de idéias e proposições mais ou menos implícitas – , do real só podemos conhecer efetivamente aquilo que nós mesmos criamos”.

Em relação ao presente trabalho, procuramos visualizar o “sujeito construtor do conhecimento” no âmbito da Ciência da Informação. Partimos então da seguinte questão: Quem são, e onde estão, esses sujeitos construtores do conhecimento? Essa, é uma das questões da qual este trabalho se ocupa, lançando talvez além desses, outros questionamentos. Além disso, o tema permite recuperar a importante contribuição de uma pesquisadora da área de Ciência da Informação na área de epistemologia, que é a Maria Nélide González de Gómez (1990; 2000; 2002; 2003; 2005). Isso porque sua abordagem do tema traz uma grande contribuição para se entender os meandros das relações institucionais entre ciência, política e sociedade, em especial no que diz respeito à Ciência da Informação.

## **2 O SUJEITO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: AS LINHAS DE PESQUISA DA ÁREA**

Na tentativa de lidar melhor com os problemas de delimitação do campo de Ciência da Informação, têm sido feitas muitas pesquisas sobre as suas origens e evolução, tanto no que diz respeito ao seu marco teórico, quanto em nível institucional. Conquanto, para elucidar a constituição das linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação na área, torna-se, evidentemente, mais apropriado elucidar os aspectos institucionais da conformação histórica do campo. Destes valem a pena destacar os seguintes marcos históricos:

Em 1954, no âmbito do CNPq, surge o IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, que criou o primeiro curso em nível de pós-graduação em Documentação Científica (Especialização), tendo o mestrado em CI surgido em 1970. (CABRAL; RENAULT, 2005).

Após o surgimento do primeiro curso de pós-graduação na área, observou-se um desenvolvimento a passos firmes, pois até então não existia curso algum sob a denominação de Ciência da Informação no Brasil. Sucedeu-se assim, na década de 70, a criação de outros cursos de mestrado e mais tarde dos cursos de doutorado nas décadas subsequentes, totalizando 09 programas de pós-graduação em Ciência da Informação em funcionamento atualmente.

Outro marco institucional importante foi a criação da ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação) em 1989. Trata-se de sociedade científica cuja,

(...) finalidade é acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação, tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação (ANCIB,2005).

Assim no ano de 2006 contávamos com oito programas de pós-graduação em Ciência da Informação, que foram acrescidos da retomada do programa de pós-graduação da UFPB, totalizando nove programas brasileiros em Ciência da Informação. A constituição histórica desses programas se deu no contexto de uma proposta desenvolvimentista e de uma “ingênua” política social que vigorava em pleno período de ditadura militar no Brasil, na qual os países do chamado “terceiro mundo” precisavam urgentemente reverter aspectos como o analfabetismo e a desigualdade social:

Criado o curso na década de 70, sob o ideário desenvolvimentista, seu projeto inicial fundamenta-se na crença ingênua de que as bibliotecas se constituiriam na solução para indivíduos e países do Terceiro Mundo, na luta destes contra a pobreza, o analfabetismo e a dominação. (VIEIRA, 1990, p.75)

A autora se refere à criação da pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, que de início se chamava CPG/EB (Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia).

Acreditamos que essa observação, no que concerne ao projeto desenvolvimentista do Brasil, pode ser estendida a todos os outros programas de pós-graduação da época em questão. Contudo, a ênfase desse curso nas bibliotecas, apesar de ser muito forte, não encontrou ressonância em termos nacionais, visto que o curso do IBICT, por exemplo, já iniciou como mestrado em Ciência da Informação em 1970. No caso da UFMG, VIEIRA (1990) quis chamar a atenção para a necessidade de se acompanhar a mudança do cenário mundial, seja político ou social e também de se abrir espaço para a diversidade e a pluralidade de pensamentos. Pode-se considerar ainda hoje o pensamento de VIEIRA (1990), apesar de sua crítica conter elementos circunscritos a uma realidade muito específica, uma reflexão importante e atual para os programas de pós-graduação da área.

Analisar o histórico de construção dos cursos de pós-graduação brasileiros em Ciência da Informação nos convida a suscitar o questionamento acerca dos rumos tomados pela Ciência da Informação atualmente. Isso porque na criação dos cursos, havia certamente uma expectativa grande a se cumprir, circunscritos que eram a um contexto específico de discussões, é claro.

Uma expectativa interessante de se rememorar é apontada por VIEIRA (1977), quando mostra a fragilidade dos cursos brasileiros de biblioteconomia em nível de graduação. Nesse artigo a autora discorre sobre o descompasso entre os anseios da sociedade e a formação do bibliotecário. A grade curricular em biblioteconomia estaria contemplando aspectos tecnicistas em detrimento de formação humanística voltada ao relevante papel do bibliotecário no contexto brasileiro. Assim a “formação avançada de bibliotecário” deveria contemplar em nível de pós-graduação estudos nas seguintes linhas de pesquisa:

- usuário: estudos de comportamento de usuários, serviços a serem prestados a indivíduos e grupos, bem como sua educação no uso daqueles serviços;
- bibliografia geral e especializada, com predominância da bibliografia brasileira;
- informação: teoria e técnicas de tratamento;
- planejamento de bibliotecas.

A respeito dessas linhas de pesquisa ressaltamos dois aspectos: o primeiro diz respeito à justa preocupação de Vieira com a necessária relação entre graduação e pós-graduação;

o segundo diz respeito a lucidez e a antevisão da autora sobre os temas tratados, que em sua maioria ainda são atuais. Podemos dizer que os estudos de usuário ainda são recorrentes na área, assim como os aspectos teóricos da informação e a evolução das técnicas de tratamento. Em relação ao estudo de bibliografias e ao planejamento de bibliotecas, se transpusermos a nomenclatura da época para a atualidade, teremos estudos de fontes de informação (bibliografias eram as principais fontes de informação de que se dispunha na época) e o planejamento, que poderíamos dizer, corresponde hoje, à gestão de serviços de informação.

Evidentemente que houve evolução muito grande nos problemas de pesquisa considerados pela Ciência da Informação, contudo, é interessante notar que, embora seja muito vezes negada e reprimida, houve influência da biblioteconomia para a consolidação da Ciência da Informação no Brasil, inclusive na criação dos cursos de pós-graduação. Outro ponto relevante a observar é o atual distanciamento da graduação em biblioteconomia e a pós-graduação em Ciência da Informação, o que nos leva a ponderar sobre quais conteúdos poderiam ser mudados na formação dos graduandos em consonância com os estudos empreendidos em nível da pós-graduação. O contrário também poderia ocorrer? Deixo tais questões em suspenso, por não serem objeto do presente trabalho à espera de outro momento mais oportuno para a discussão.

No histórico de constituição das linhas de pesquisa, houve grande movimento de expansão dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e, paralelamente, a ampliação do escopo e abrangência dos mesmos. Assim, observa-se que a configuração do campo no Brasil, constitui-se apenas nos cursos de pós-graduação, enquanto que a biblioteconomia continuou restrita à graduação.

### **3 POLÍTICAS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

O pressuposto acerca da idéia de que o conhecimento seja um construto, nos coloca diante de questões relacionadas ao poder e às condições sociais de sua produção. Não podemos ignorar o fato de que todo o conhecimento científico é permeado ou tangenciado pelos valores dos cientistas que o produzem. Essa constatação nos leva a rememorar aquilo que o próprio conhecimento científico admite, o caráter indissociável ou complementar que permeia a relação sujeito–objeto.

Nesse contexto, os trabalhos de Maria Nélide González de Gómez, no escopo da epistemologia da Ciência da Informação, se mostraram bons horizontes para a discussão do tema. Alguns conceitos importantes foram criados pela autora, sobretudo no que diz respeito ao aspecto político de construção, distribuição e uso do conhecimento. Enfim, sua contribuição fornece elementos para identificar na Ciência da Informação respostas ou novas perguntas sobre o movimento científico contemporâneo.

Em instigante artigo, GONZÁLEZ DE GOMÉZ (2005) traça um quadro histórico de desenvolvimento do discurso científico. Começa com o conceito de “especialidade” abordando a relação entre o particular e o aproximado, ou entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade:

A história das disciplinas teria, porém, duas versões: a oficial e a não-oficial, onde acontecem trocas, movimentos de importação e exportação de conceitos, procedimentos, informações. Se uma disciplina diferencia-se das outras pelo **ponto de vista diferencial**, pelo qual vai configurar seu objeto como algo “extraído ou construído por processos específicos”, deverá manter-se atenta ao **campo de visão**, espaço ideal de reconstrução das relações que religam seu objeto a outros saberes disciplinares e a outros domínios de objetos, que mantêm sempre vital e atualizada a agenda disciplinar. A suspensão desse duplo movimento de fechamento e abertura da disciplina levaria à “coisificação” de seu objeto e à sua estagnação.  
(GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2005, p.16)

Essa primeira idéia de conformação ou desenho do desenvolvimento do conhecimento científico, nos permite a primeira distinção acerca da relação de construção específica e plural. O conhecimento científico estaria assim afeito a essas duas perspectivas não-excludentes entre o disciplinar e o interdisciplinar numa relação dialógica.

Evidentemente que essas relações não se dão de forma “tranqüila”. Existem forças que permeiam, e por vezes determinam o agrupamento de conhecimentos, temas e disciplinas. Dentre essas forças, temos em especial as agências de financiamento e avaliação, o que nos permite falar de “epistemologias institucionais” (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2000). A informação desempenharia papel extremamente importante nessa relação de controle e avaliação, mediada ou potencializada pela tecnologia. Desse cenário,

(...) podem distinguir-se dois processos complementares. Um deles, a gestão da ciência, consolida um plano de observação e de “segundo grau” que tem como objeto a própria ciência – mas num olhar que transcende e independe da consciência de seus produtores e requer

mecanismos exteriorizados de mapeamento e monitoramento de sua produtividade. Num processo indiretamente complementar, os estudos sociais da ciência, à diferença das epistemologias racionalistas, desenvolverão metodologias de cunho “externalista”, “observacionais” e quantitativas, que permitirão estabelecer e operacionalizar indicadores mensuráveis de produção científica. (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2005, p.23)

Pode-se pensar em muitas das técnicas, oriundas em sua maioria da biblioteconomia, que a Ciência da Informação disponibiliza para a gestão e controle da produção científica, como a bibliometria, cientometria, infometria, rede de citações, etc. Dessa forma, outra importante relação a ser desvelada ou discutida, diz respeito à relação entre o Estado e a Ciência, vistos sob a perspectiva de suas articulações políticas e epistêmicas.

O deslocamento do conhecimento rumo à especialidade e à segmentação nos levou, mais tarde, à busca por vinculações, integração dos saberes. A articulação do conhecimento é de tal ordem complexa que aperceber-se desse processo de conformação político-epistêmica é algo de difícil apreensão, o que leva muitos autores a entender ou apresentar esse emaranhando de conexões como uma estrutura que se desenvolve em redes. GONZÁLEZ DE GOMÉZ (2003) resume essas vinculações e rupturas da seguinte forma:

Trabalhamos assim com algumas poucas linhas de organização da argumentação: a) a análise de alguns dos mais notáveis processos de divisão dos conhecimentos que gerariam problemas de reunião; b) a reflexão sobre o papel dos grupos de pesquisa e os processos de identificação cultural secundária que lhe são atribuíveis, como peça significativa nos processos de socialização regulada dos conhecimentos; c) a recolocação da metáfora do "contrato social" para dar visibilidade a um princípio de equivalência, implícito e por vezes sobre-determinado na história da ciência e da pesquisa em ocidente, e para buscar sua reformulação - aspirando a uma maior reciprocidade e a uma pluralização em redes daquela operação equivalência, despregada e singularizada nos contextos paradigmático, setorial e territorial. (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2003)

No cenário político de fomento e gestão do conhecimento temos a pluralização dos espaços administrativos divididos nas esferas públicas de atuação. Evidentemente que tal segmentação enreda ou corrobora a estruturação de um conhecimento que se apresenta em redes, pois,

As políticas setorializadas, ao mesmo tempo, se desdobram em todos os "estratos espaciais" do Estado: Federação, Estados, Municípios. Se estes desdobramentos fortalecem a rede de pesquisa pública, ao mesmo tempo, surgem outros problemas decorrentes da abordagem corporativa e da pluralização dos espaços administrativos, requerendo outras ações intersetoriais e transversais que permitam o mapeamento articulado das redes e os estratos. (GONZALÉZ DE GOMÉZ, 2003)

Tem-se assim, o quadro no qual a distribuição das atividades de pesquisa ratifica a fragmentação do conhecimento. As instituições, cada qual com suas formas de avaliação e controle acarretam orientações na forma como se produz o conhecimento. De maneira análoga o especialista cerceia a sua produção científica de cuidados e critérios que confirmam legitimidade e delimitação de espaços para a pesquisa que desenvolve.

A perspectiva de se ter conhecimento como um construto, por outro lado, não dirime essas tensões acerca dos meandros de conformação política e ideológica a que a ciência está exposta. Antes, observa e discute os construtos produzidos pelo embate de idéias e posições do estado, ciência, sociedade e sobretudo do sujeito, sob a perspectiva da transitoriedade do conhecimento que se submete inevitavelmente sob a ação corrosiva do tempo.

A informação, segundo GONZÁLEZ DE GOMÉZ (2005), pode atuar como elemento de religação face à fragmentação do conhecimento, na medida em que fornece insumos para avaliação, controle e gestão da ciência. Apropriadamente, a proposta de discussão da Ciência da Informação tendo como cerne o conhecimento produzido pelos seus pesquisadores é um bom ponto de partida para se entender melhor essa "jovem" disciplina científica. Isso porque o seu objeto de pesquisa representa para outros sujeitos (pesquisadores de outras áreas do conhecimento) uma maneira de entenderem melhor aquilo que fazem. É claro que esse instrumento (a informação) tem sido mais usado para moldar, manter, gerir e controlar o andamento da ciência. No caso, antes de ser a informação (enquanto instrumento) que determina a ação, são os atores (pesquisadores) que lhe conferem sentido quando fazem da ação de informar objeto de conexão e molde do processo científico. Assim, temos que a discussão epistemológica da Ciência da Informação tendo como aporte o conhecimento produzido por seus pesquisadores acarretam todas essas questões. A opção deste trabalho, no entanto, é avançar na discussão de seus fundamentos epistemológicos, na identificação de teorias e

argumentos que forneçam elementos para a compreensão da Ciência da Informação, tendo em mente a parcialidade e transitoriedade daquilo que é mostrado, percebido pelo cientista.

#### **4 O QUE É A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DEMIÚRGICA**

Toda essa discussão acerca do papel do sujeito construtor do conhecimento nos leva inevitavelmente a uma reflexão acerca da ressonância de nossos atos. Evidentemente que cada um dos sujeitos tem representatividades distintas na hierarquia acadêmica. Sabendo disso, preferimos levar a discussão a um patamar mais geral para continuarmos trilhando o caminho da argumentação e da reflexão, suscitando mais perguntas do que respostas.

A figura que se apresenta é o demiurgo, o construtor do conhecimento, que pode assumir diversas formas. Na tradição do pensamento ocidental basicamente pode incorporar as manifestações do bem ou do mal. O bem entendido como compromisso ético e o mal como realização máxima da potencialidade tecnológica não importando o fim a que se destina. Nessa busca pela potência máxima da tecnologia o homem se transforma em Fausto, e se justifica como Prometeu. Temos assim,

Em oposição à tradição “prometéica”, que pensa a tecnologia como a possibilidade de estender e potencializar gradativamente as capacidades do corpo humano, a corrente “fáustica” enxerga na tecnociência a possibilidade de transcender a própria condição humana. (SIBILIA, 2001).

A biotecnologia através das possibilidades de recriação do humano, talvez seja a área onde a discussão ética se torne mais evidente. À luz da promessa da cura de doenças (prometeu) existe a possibilidade de recriar o humano e vislumbrar-se a imortalidade (fausto), a transcendência dos limites do ser humano.

Nesse modelo de superação, ganha força o hibridismo, sobretudo a cisão entre o homem e a máquina. Junção que poderia contribuir para a superação da condição humana, mediante o pacto com a tecnociência, surge a figura do cyborg que,

(...) seria, então seu próprio demiurgo: o agente da sua própria “evolução pós-orgânica”. Entregue às novas cadências da tecnociência, o corpo humano parece ter perdido sua definição clássica, tornando-se permeável, manipulável, projetável. (SIBILIA, 2001).

O outro caminho, onde a tecnociência ganha contornos éticos, sem perder as suas potencialidades de superação de técnicas, nos parece, a princípio, menos atraente. Estamos diante de questões difíceis e que exigem mais vagar no mundo da simultaneidade e velocidade a todo custo.

Negar a tecnologia é uma resposta igualmente simplista e reducionista. A pergunta agora ganha novos elementos e desdobramentos que nos levam a reposicionar a filosofia, sobretudo na discussão ética, como interlocutora da ciência.

Ao adentrar o campo da ética, aproximamos um pouco mais do demiurgo vislumbrado na figura do pesquisador e abrimos campo para indagações acerca de seu posicionamento mediante à ciência e ao fazer científico. Weber (1989) nos fala da neutralidade axiológica, posição que o pesquisador deveria ter como ideal a ser alcançado. Segundo Weber (1989) o único posicionamento que o pesquisador/professor universitário deveria tentar inculcar nos seus alunos (ou seguidores) é a “integridade intelectual”. Essa idéia é interessante na medida em que nos fornece elementos para que não sejamos tentados a nos posicionar, mesmo quando do trabalho científico, de maneira parcializada e movido apenas por nossas paixões. Isso porque:

Contudo, resta o fato de que a dedicação apaixonada, sozinha, por mais intensa que seja, e por mais incondicional que seja a outros respeitos, não produz resultados científicos da mais alta qualidade. Seguramente, é um pré-requisito da “inspiração”, que é decisiva. Hoje em dia, existe em determinados círculos de geração mais jovem uma idéia muito difundida de que a ciência se tornou um problema de aritmética que se realiza em laboratórios ou em gabinetes de estatística, não pela “pessoa total”, mas por uma razão fria e calculista, “como algo produzido numa fábrica”. Idéias como essas revelam não existir a mais leve compreensão nem do que ocorre numa fábrica, nem do que ocorre num laboratório. (WEBER, 1989, p. 144)

Aqui temos uma noção bem interessante desse equilíbrio entre a rigorosidade do discurso científico e a força da paixão que motiva a inspiração e que também contribui de forma decisiva para a produção de bons trabalhos científicos. Adiante, Weber esclarece a nós, demiurgos, a relação entre criatividade e trabalho, onde,

Uma idéia imaginosa não substitui o trabalho. Por outro lado, o trabalho não substitui uma intuição imaginosa; o trabalho perseverante, tanto quanto a dedicação apaixonada, é capaz de estimular a intuição. (WEBER, 1989, p.145)

Que figura então surgiria, desse demiurgo que se preocupa com a ressonância de suas ações, com os critérios de sua pesquisa e, ainda consegue olhar para si mesmo e enxergar um ser humano (nos moldes tradicionais) movido também por suas paixões? Certamente o molde tecnológico continuaria presente devido à temporalidade da observação, ou seja, as condições atuais de produção do conhecimento. Porém, outros elementos teriam de ser acrescentados, um certo heroísmo para combater aquilo que é injusto e desigual, que acarretaria uma certa incompreensão, loucura e solidão. A figura aqui é a do “cavaleiro da triste figura”, o nosso Dom Quixote. Onde o demiurgo é tomado de certa dose de poesia e poder de estabelecer conexões entre os fatos, ainda que virtuais. Aliás, o viés tecnológico de Dom Quixote se dá justamente em seus supostos devaneios, que em verdade são projeções virtuais onde combatia contra os opressores e monstros de sua época.

Por fim, cabe atestar que esse novo demiurgo “quixotiano”, sonhador, idealista e perseverante possui claras limitações físicas, onde certamente seria sempre vencido, mas, o importante é que, se tratando da esfera do pensamento ele é imbatível.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br>>. Acesso em: 19 jul. 2005.

CABRAL, Ana Maria Rezende; RENAULT, Leonardo Vasconcelos. Informação, cultura e sociedade – estado da arte. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ancib, 2005.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1980.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das ciências humanas**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Tomo I: Positivismo e Hermenêutica – Durkheim e Weber)

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-21, 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O contrato social da pesquisa: em busca de uma nova equação entre a autonomia epistêmica e autonomia política. **DataGramZero**, v.4, n.1, fev. 2003. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/fev03/art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/fev03/art_02.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2002. p.25-47.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-31, 2000.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, n.2, p.117-122, jul.-dez. 1990.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos; MARTINS, Ronaldo. O retrato da Ciência da Informação: uma análise de seus fundamentos sociais. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.23, p. 133-150, 1º sem., 2007.

SIBILIA, Paula. Rumo à imortalidade e à virtualidade: a construção científico-tecnológica do homem pós-orgânico. Congresso Brasileiro da Comunicação, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande : Intercom, 2001. 1 cd-rom.

VIEIRA, A. S.; LIMA, E. A pós-graduação em Biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.6, n. 2, p. 125-135, set. 1977.

VIEIRA, Ana da Soledade. A pos-graduacao na EB-UFMG: memoria e perspectivas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 68-76, mar. 1990.

WEBER, Max. **Sobre a universidade**: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica. São Paulo: Cortez, 1989.

#### **ABSTRACT**

When recognizing its social characteristics, the Information Science, see himself ahead of a new question: who is the citizens of the knowledge of the area in the Brazilian context? The question for the construction citizen of the knowledge directed to the Information Science, discloses the context of production of that we take as emblematic or paradigmatic today for the area, in the national context. Moreover, the process of construction of this knowledge, the ethical questions and the entailings of being able the one that can be susceptible the Information Science, are argued in the article. Finally, the possibility of alternatives of construction of an image that supports the hybridism between science and technology, ethics and power is presented as possible to lead the actions of the citizens "demiurges" of the area of Information Science.

**KEYWORDS:** Information Science. Epistemology. Construtivist Epistemology.

*Originais recebidos em: 16/05/2007*

*Texto aprovado em: 14/09/2007*